

## **A docência no curso de jornalismo em Sinop: uma análise a partir do ponto de vista dos acadêmicos**

TEIXEIRA, Karoline Kuhn<sup>1</sup>  
FONTES, Gabriela Scroczyński<sup>2</sup>  
Faculdade Fasipe, SINOP, MT

### **Resumo**

O presente artigo é resultado de pesquisa realizada com acadêmicos do curso de bacharelado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, da Faculdade Fasipe, na cidade de Sinop - MT. O objetivo é avaliar a qualidade do ensino a partir das análises feitas pelos próprios estudantes – ingressantes e concluintes, considerando que o curso é o único disponível na região Médio-Norte do Estado de Mato Grosso. O resultado destacou como os acadêmicos analisam tanto a postura/qualidade do profissional docente, quanto as condições fornecidas pela Instituição de Ensino Superior para a oferta do curso, traçando assim um perfil da referida graduação.

**Palavras-Chaves:** Docência; ensino Superior; jornalismo.

### **Introdução**

Presente na cidade de Sinop, Norte de Mato Grosso, desde 2005, o curso de graduação em Jornalismo é o único ofertado na região Médio-Norte do Estado e formou, pelo menos, nove turmas de profissionais até o final de 2015. Neste período, passou por troca de instituição mantenedora, diferentes coordenadores, professores e até mesmo adaptação de matrizes curriculares. No entanto, desde a implantação, não houve a realização de uma pesquisa que de apresentasse o perfil do curso, apontando possíveis aspectos positivos e negativos que envolvem o curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo que, atualmente, é oferecido pela Faculdade Fasipe.

Neste artigo, buscamos traçar um panorama do curso de jornalismo, considerando a análise feita a partir das respostas de 42 acadêmicos (ingressantes e concluintes). O objetivo foi buscar compreender a visão dos alunos em situações como: desenvolvimento de atividades científicas; estruturas físicas e pedagógicas oferecidas pela Instituição; leituras e atividades extras sugeridas pelos docentes e, também, a busca pelo conhecimento curricular do docente para avaliação do acadêmico. A partir destes aspectos, este trabalho buscou avaliar, de modo geral, a qualidade do ensino ofertado.

<sup>1</sup> Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela Faculdade Fasipe (Sinop – MT). Especialista em Docência para o Ensino Superior – Faculdade Fasipe, (Sinop – MT). E-mail: karolinekuhn@hotmail.com

<sup>2</sup> Orientadora do trabalho. Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso (ECCO/UFMT), especialista em Comunicação Digital pela Universidade Feevale. Professora do curso de Jornalismo na Faculdade Fasipe (Sinop - MT) e professora interina na Universidade do Estado de Mato Grosso (Sinop – MT). E-mail: gabisrf@hotmail.com

Para o desenvolvimento, foi utilizada a pesquisa exploratória, com método hipotético dedutivo a partir da pesquisa de campo, tendo o questionário como instrumento de coleta de dados e fazendo uma análise comparada dos dados apurados. Esse estudo também visa uma reflexão sobre algumas questões referentes à formação dos jornalistas enquanto professores de ensino superior.

### **O Ensino Superior brasileiro: estrutura teórica**

Antes de aprofundar a discussão sobre o objeto de pesquisa, é necessário entender melhor o cenário do ensino superior brasileiro. Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, a educação superior corresponde aos cursos de graduação, abertos a candidatos que tenham concluído o ensino médio, ou equivalente, e tenham sido classificados em processo seletivo; e a cursos de pós-graduação (englobando programas de mestrado, doutorados, especializações, aperfeiçoamento e outros, disponíveis para candidatos já diplomados em cursos de graduação e que atendam aos critérios pré-definidos das instituições de ensino). Além disto, também fazem parte deste cenário os “cursos sequenciais por campo de saber, de diferentes níveis de abrangência, abertos a candidatos que atendam aos requisitos estabelecidos pelas instituições de ensino” (PORTAL MEC).

No Brasil, a oferta da educação a nível superior ocorre em universidades, centros universitários, faculdades, institutos superiores e centros de educação tecnológica para três tipos de graduação: bacharelado, licenciatura e formação tecnológica. Já os cursos de pós-graduação são estruturados da seguinte maneira: lato sensu (especializações e MBAs) e strictu sensu (mestrados e doutorados). Ainda considerando o disposto no decorrer do capítulo IV da LDB, cabe ao ensino superior promover uma série de ações com objetivo de fortalecer o currículo discente. Ou seja, segundo o exposto no artigo 43, a educação superior tem por obrigatoriedade:

- I - Estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;
- II - Formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua;

III - Incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;

IV - Promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação;

V - Suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração;

VI - Estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;

VII - Promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição.

### **O Ensino Superior Brasileiro: panorama**

Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) mostram que, em 2014, o Censo da Educação Superior identificou 2.368 Instituições de Ensino Superior (IES), sendo apenas 298 públicas e outras 2.070 particulares, com 32.878 cursos de graduação (18,6 mil em bacharelado, 7,8 mil na licenciatura e 6,4 mil tecnólogos).

Voltados ao curso de jornalismo, o Inep destacou a presença da graduação em 266 instituições brasileiras, sendo 208 particulares e 58 públicas. No referido ano de pesquisa, o Censo identificou 50,8 mil matriculados somente no curso de jornalismo em todo o país. Concluintes figuravam 7,3 mil.

Em Mato Grosso, até 2014 foram registradas 59 instituições de ensino superior, sendo apenas 4 públicas e 55 privadas, a partir da seguinte configuração: 3 Universidades, 2 Centros Universitários, 53 Faculdades e 1 Instituto Federal. A pesquisa não especificou os cursos por Estado.

Já quanto aos profissionais da educação superior, o Censo identificou o registro de 383.386 funções docentes em exercício no Brasil. Deste total, 220,2 mil tinham vínculo com IES privada e 163,1 mil com IES pública. Destes, 7,9 mil registrava

apenas graduação, 90,3 mil tinham especialização, 150,5 mil com mestrado e 134,4 mil com doutorado. Em Mato Grosso, foram identificados 7,6 mil docentes em exercício, sendo 4,1 mil nas instituições particulares e 3,5 mil nas públicas. Aqui, a titulação está dividida da seguinte maneira: 345 apenas com graduação, 2,3 mil com especialização, 2,6 mil com mestrado e 2,3 mil com doutorado.

### **Ensino Superior Brasileiro: o curso de Jornalismo**

A história da imprensa brasileira começa no mesmo ano de chegada da coroa portuguesa ao país, em 1808. Com um perfil crítico e de oposição, *O Correio Braziliense*, de Hipólito José da Costa, entrou em circulação em junho. Era produzido na Inglaterra, mas discutia os problemas que eram registrados na Colônia. Precisava atravessar o oceano Atlântico até chegar às mãos dos cidadãos brasileiros e estava longe de ser um material que agradasse os poderosos da época. Com a implantação da Imprensa Régia, o país ganha em setembro a *Gazeta do Rio de Janeiro*, destacado por muitos estudiosos como “jornal oficial” da coroa.

É comum colocar-se, em estudos históricos, a contraposição entre a *Gazeta do Rio de Janeiro* (enquanto jornal oficial) e o *Correio Braziliense* (que fazia críticas ao governo). Porém, uma comparação atenta indica que, além dessa evidente dicotomia oposição/situação, existiam convergências entre estes dois periódicos. Tanto a *Gazeta* quanto o *Correio* defendiam idêntica forma de governo (monárquica), a mesma dinastia (Bragança), apoiavam o projeto de união luso-brasileira e comungavam o repúdio às ideias de revolução e ruptura, padronizado pela crítica comum à Revolução Francesa e sua memória histórica durante a Restauração (MOREL, 2008, p 31).

Se a imprensa propriamente dita entrou em funcionamento no Brasil junto com a chegada da coroa portuguesa, os estudos sobre o jornalismo local se mostram mais ao final do século XIX. Segundo Melo (2006), é neste período que se registra o surgimento de materiais que buscavam registrar a trajetória dos jornais e revistas locais. O autor aponta que nas produções científicas sobre o jornalismo brasileiro é possível identificar pesquisas empíricas e reflexões sistemáticas realizadas em diferentes espaços culturais:

estudos que emergiram da prática profissional, tanto nas empresas quanto nos sindicatos; 2) trabalhos produzidos por instituições ligadas ao aparelho burocrático do Estado (tribunais, assessorias governamentais, núcleos oficiais de pesquisa); 3) análises motivadas e estimuladas por entidades pertencentes à sociedade civil (Igreja, partidos, movimentos sociais); 4) e, finalmente investigação gerada pelas organizações universitárias (MELO, 2006, p.17).

Apesar de estudos antigos, as escolas de jornalismo entram em funcionamento no século seguinte, XX, período em que ocorre a intensificação de movimentos que prezavam pela organização profissional da categoria (imprensa) e a legitimação política da Associação Brasileira de Imprensa (década de 1930). As instituições universitárias, com objetivo de preparar pessoal para atuar com as atividades jornalísticas, surgem apenas ao final da década de 1940.

A pioneira no estudo do jornalismo é a Faculdade Cásper Líbero (Fundação Cásper Líbero), criada em 1947 como parte das disposições testamentárias do advogado, jornalista e empresário Cásper Líbero. Atendia apenas ao curso de Jornalismo e, posteriormente, ampliou a oferta para outras áreas da comunicação: Publicidade e Propaganda, Relações Públicas e, também, Rádio, TV e Internet. O segundo destaque na história dos cursos de jornalismo foi a então Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, (atualmente Universidade Federal do Rio de Janeiro).

### **O curso de Jornalismo: Mato Grosso e Sinop**

A inserção dos estudos da comunicação em Mato Grosso ocorreu apenas na década de 1990, quando a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) abriu o curso de Comunicação Social, em Cuiabá, como afirmaram Réulliner Rodrigues e Lawrenberg Silva, em artigo publicado no Observatório da Imprensa, em 08 de outubro de 2013. Segundo a dupla, a abertura do curso ocorreu impulsionada “pela necessidade de profissionalização do mercado midiático da região”. A proposta do curso, porém, teria sido feita anos antes, pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Mato Grosso durante a segunda edição da Semana de Propaganda de Mato Grosso, em 1983.

O objetivo era atender de imediato a uma demanda expressiva de profissionais nas áreas de Jornalismo, Radialismo e Publicidade e Propaganda, através de um processo multidisciplinar de ensino que abarcava a demarcação ética da profissão, cultura abrangente e domínio dos estudos de linguagem. (RODRIGUES; SILVA; 2013).

O jornalismo, seja como habilitação da comunicação social ou como área independente, é oferecido em poucas instituições de ensino superior no Estado. Na

capital mato-grossense, por exemplo, o curso é disponibilizado na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e, na particular, Universidade de Cuiabá (UNIC).

A UFMT oferta o curso também em Barra do Garças, cidade localizada mais ao nordeste do Estado e distante cerca de 550 quilômetros da capital. Ao sudeste de Mato Grosso, jornalismo integra o quadro de graduação do campus de Alto Araguaia da Universidade do Estado de Mato Grosso. A mesma instituição oferece, em Alta Floresta, o curso em regime de turma especial.

Os dados apresentados aqui estão sujeitos a alterações, pois foram apurados diretamente nos sites das instituições, considerando que o portal de consulta do Ministério da Educação, o E-MEC, consta desatualizado, mostrando apenas as instituições UFMT e Faculdade Cenecista de Sinop (Facenop), que detinha a autorização do curso de jornalismo antes da migração para a Faculdade Fasipe.

O curso ofertado pela Faculdade Fasipe, por sua vez, é o único atendendo a região Médio-Norte de Mato Grosso. Ele, que é nosso foco de pesquisa, no período desta pesquisa (2015/02) registrava quatro turmas (8º, 6º, 4º e 2º semestres) e 55 alunos matriculados entre elas. O perfil dos acadêmicos varia, sendo boa parcela de moradores de Sinop, que utiliza de recursos como FIES (Fundo de Financiamento Estudantil) ou PROUNI (Programa Universidade para Todos) para se manterem estudando. Há alguns casos de alunos de cidades vizinhas como Sorriso e Vera.

Na Fasipe, o curso de jornalismo foi instituído em 2010. No entanto, a graduação está em atividade há mais tempo, iniciando em 2005 na extinta Faculdade Cenecista de Sinop (Facenop), da rede Cenecista de educação, na qual formou apenas uma turma e, outra, em andamento, foi transferida para atual instituição. Até 2015, dez turmas colaram grau em jornalismo. A primeira em 2008/2 (Facenop) e as demais (2010/1; 2010/2; 2011/2; 2012/2; 2013/2; 2014/1; 2014/2; 2015/1 e 2015/2).

O curso tem duas matrizes curriculares. A primeira, instituída ainda durante o período de atividades na Facenop, vigorou até a formação de turmas em 2014. Para atender às necessidades educacionais, passou por algumas adequações. Já as turmas que ingressaram em 2015, seguem nova matriz, desenvolvida após o Ministério da Educação fazer a homologação da nova diretriz curricular nacional para o curso de jornalismo, em setembro de 2013.

## **Análise de Dados**

Para o desenvolvimento deste artigo, buscamos realizar uma pesquisa do tipo exploratória, considerando que as discussões acerca da qualidade do curso e do desempenho docente ainda são pouco debatidas em âmbito educacional. O recurso utilizado para o desenvolvimento foi o estudo de campo, devido ao interesse em aprofundar nas questões relacionadas ao tema proposto nesta pesquisa. A pesquisa de campo prevê, ainda, um planejamento mais flexível, “podendo ocorrer mesmo que seus objetivos sejam reformulados ao longo da pesquisa” (GIL, 2002, p. 53). O método aplicado a esta pesquisa é a hipotético-dedutivo, considerando que

[...] o cientista, através de uma combinação de observação cuidadosa, hábeis antecipações e intuição científica, alcança um conjunto de postulados que governam os fenômenos pelos quais está interessado, daí deduz ele as conseqüências por meio de experimentação e, dessa maneira, refuta os postulados, substituindo-os, quando necessário, por outros, e assim prossegue. (KAPLAN *apud* GIL, 2008, p.12).

O questionário serviu como principal instrumento de coleta de informações desta pesquisa e, a partir das informações obtidas por meio dele, foi desenvolvida uma análise comparada dos dados apurados, que serviu de base para as interpretações e conclusões presentes neste artigo.

Tal questionário foi entregue aos acadêmicos, entre os dias 1 e 4 de dezembro de 2015, que responderam de maneira voluntária e foram identificados apenas pela turma a qual pertenciam. Dos 55 matriculados, 42 preencheram os questionamentos propostos. Dos participantes, 25 tinham entre 19 e 25 anos; outros 8 entre 26 e 30 anos; 5 deles estavam na faixa de 31 à 40 e apenas 4 compreendiam a faixa etária de 15 à 18 anos.

### **Da estrutura física da instituição**

Em relação à qualidade das salas de aula, boa parte dos entrevistados considera entre razoável (40,47%) a boa (38,09%). Outros 19% avaliaram como ótima e apenas 2,3% destacaram serem ruins as condições estruturais oferecidas na instituição de ensino. No quesito biblioteca (neste ponto acrescentamos também acervo literário destinado ao curso), a maioria elegeu de maneira positiva: 35,7% razoável, 30,95% boa e 4,76% ótima. Já os demais apareceram poucos ou nada satisfeitos: 23,8% ruim e 2,38% péssimos. Apenas um entrevistado alegou não conhecer o espaço e acervo disponível na instituição.

Em relação ao laboratório específico do curso (rádio e TV), as avaliações ficaram bem divididas. 49,99% dos acadêmicos entrevistados destacaram entre razoável (28,57%), boa (19,04%) e ótima (2,38%). Outros 47,61% disseram que as condições do espaço eram ruins (35,71%) e péssimas (11,90%). Um entrevistado (2,38%) deixou em branco a questão.

Aproximadamente 73,8% dos acadêmicos se mostraram satisfeitos com a qualidade dos laboratórios de informática, com respostas entre razoável a excelente. Apenas 26,19% mostraram estarem insatisfeitos, selecionando as opções ruim e péssima em suas respostas.

Considerando o acesso às informações da instituição, como secretaria, cursos extras, certificados e outros, 71,42% dos acadêmicos de jornalismo apontaram satisfação e assinalaram respostas entre razoável (42,8%), ótimo (4,7%) e bom (23,8%). Outros 28,5% destacaram que o acesso à informação não é tão fácil, respondendo aos itens ruim (26,1%) e péssimo (2,3%).

Já analisando a estrutura física da instituição, de maneira geral, os alunos de jornalismo se mostraram receptivos: 88% assinalaram de razoável à excelente. Apenas 9,5% alegaram ser ruim e, novamente, um entrevistado não respondeu a este quesito.

52

### **Quanto às questões relacionadas ao curso de graduação**

Esta pesquisa buscou entender quanto os alunos de jornalismo conhecem sobre o curso, considerando itens como Matriz Curricular e Planos de Ensino. Em relação ao primeiro citado, 30,95% dos entrevistados destacaram ter conhecimento e outros 19,04% afirmaram que desconheciam a matriz que estava sendo aplicada para a turma da qual fazia parte. 45,23% confirmaram que leram a Matriz Curricular apenas quando ingressaram ao curso. 2,38% alegaram não conhecer e, outros 2,38% não responderam. Em relação aos Planos de Ensino das disciplinas cursadas, as respostas foram similares ao tópico acima detalhado. 28,57% alegaram conhecer os planos de ensino, 21,42% apontaram não saber; 45,2% responderam que só leram no início do semestre letivo. 2,38% responderam que não conheciam e, outros 2,38% não responderam.

### **O desempenho dos professores na opinião dos alunos**

Na pesquisa, os acadêmicos avaliaram o desempenho dos professores em sala de aula. Para isto, a pergunta lançada foi: “Qual a qualidade da atuação dos professores

quanto ao desenvolvimento das disciplinas? Neste aspecto, formou-se o seguinte cenário: 30,95% dos entrevistados apontaram como ótima a atuação dos docentes; 28,57% avaliaram como bom o desempenho; 19,04% destacaram como razoável; 4,76% disseram ser excelente e 2,38% dos entrevistados citaram outros, registrando comentários como “varia conforme o profissional”. 14,28% dos acadêmicos pesquisados deixaram a questão em branco, o que poderia influenciar em outro cenário de resultados.

Para embasar a resposta dos alunos, nossa pesquisa perguntou se conhecer o plano de ensino da disciplina auxilia na avaliação do docente. Neste ponto, até alguns pesquisados que haviam deixado de se posicionar na pergunta anterior, destacaram alguma das opções avaliativas. Com isto, criou-se o seguinte quadro: influencia pouco (45,23%), influencia totalmente (33,33%), não auxilia (11,9%), não responderam ou não opinaram (9,52%).

Quando questionadas as turmas se os professores apresentam os planos de ensino no início das atividades docentes, 54,76% dos acadêmicos responderam que sim, todos os docentes apresentam. Outros 35,71% apontaram que apenas alguns. 2,38% apontaram que não e 7,14% deixaram a questão em branco.

A pergunta se desdobrou em outro aspecto: os professores seguem os planos de ensino? Para esta, as respostas foram um pouco diferentes quanto à questão anterior: 38,09% responderam que sim, todos os professores seguem; 47,61% apontaram “apenas alguns” e 14,28% não responderam.

Para compreender também os critérios que os acadêmicos utilizam para avaliar seus professores, esta pesquisa questionou se eles procuram conhecer os currículos dos profissionais que lecionam no curso. 54,76% apontaram que não, 14,28% disseram que sim, 21,42% destacaram que às vezes, 7,14% disseram que conhecer o currículo não faz diferença para avaliar o profissional e o desempenho em sala e, apenas 2,38% não respondeu.

### **Acadêmicos e as atividades científicas/educacionais**

Além de avaliar os profissionais que lecionam diariamente a eles, esta pesquisa buscou compreender qual a relação entre os acadêmicos e as atividades científicas. Para ingressar neste tópico, a pesquisa começou com pergunta básica: “Você (acadêmico) tem o hábito de ler artigos e livros recomendados pelos professores?”.

40,47% apontaram que apenas às vezes acolhe a ideia dos professores; 28,57% responderam sim; 9,52% apontaram que raramente os fazem; 4,76% afirmaram que não e outros 4,76% destacaram que fazem apenas para as provas. Não responderam a esta questão 11,9% dos entrevistados.

Nossa pesquisa procurou saber, também, se os alunos de jornalismo buscam pesquisar conteúdos trabalhados em sala fora de ambientes educacionais. Para esta questão, 54,76% alunos destacaram que sim, 28,57% apontaram raramente, 9,52% afirmaram que não pesquisam e outros 7,14% não responderam.

Quando questionados se sugerem ou pedem sugestão de artigos ou livros aos professores do curso, 33,33% alunos apontaram que não; 26,19% às vezes; 19,04% raramente; 14,28% sim; 2,38% afirmaram que apenas para períodos de provas. 4,76% não responderam.

Ainda verificando as práticas acadêmicas, esta pesquisa buscou saber dos acadêmicos se o corpo docente do curso incentiva ou promove a produção científica na área. As respostas ficaram da seguinte maneira: 83,33% disseram sim; 7,14% alegaram que não, outros 7,14% apontaram que nunca repararam e 2,38% não responderam.

No mesmo seguimento, o questionamento foi quanto a realização de eventos educacionais ou culturais na área. Neste, foram 69,04% das respostas para sim, 11,90% para não, 16,66% destacaram que nunca repararam e, 2,38% não responderam.

### **Quanto às opiniões dos acadêmicos sobre os docentes e a profissão “professor”**

Durante a pesquisa, além do questionário fixo, também foi aberto espaço para que os acadêmicos deixassem suas considerações em relação aos desempenhos didáticos dos professores. Poucos optaram por expor suas opiniões mais detalhadamente, no entanto, os que fizeram, apontaram que itens como *atenção e abertura para diálogo* (com docentes e coordenação) como fatores positivos para a relação ensino-aprendizagem. Abaixo citamos alguns dos posicionamentos feitos pelos acadêmicos entrevistados:

“Os métodos são criativos e práticos, facilitam a compreensão e absorção do conteúdo explanado principalmente quando a turma está no início do curso” (Acadêmico da turma 2015/01).

“Os métodos aplicados pelos professores para ensino é diversificar aulas práticas e debates. Trazem mais dinamicidade e fácil absorção de conteúdo” (Acadêmico da turma 2015/01)

“Todos se dedicam muito para as aulas se tornarem mais atrativas e compreensíveis. O melhor método é o que envolve dinâmicas e atividades práticas [...] Os professores corrigem e instruem para que os trabalhos tenham características científicas” (Acadêmico da turma 2015/01).

“Todos possuem bons métodos de ensino. O que mais facilita a compreensão da matéria é quando o professor explica de maneira objetiva, clara e com exemplos, mesmo quando o material é extenso, consegue apontar o mais importante e explica-lo [...] Alguns professores bons saíram, mas os outros que entraram conseguiram cumprir o que era esperado da matéria” (Acadêmico da turma 2014/01).

“Sabemos que a metodologia de ensino é um dos assuntos mais discutidos dentro das instituições de ensino superior. No curso de jornalismo, as formas de ensino já foram precárias, hoje está melhorando. A melhor forma de lecionar um conteúdo e tê-lo bem aceito entre os acadêmicos é a exposição com debate. Desta forma, o professor possibilita ao aluno o processamento da informação, gravando o conteúdo na mente. Essa medida também proporcionou um ambiente agradável” (Acadêmico da turma 2013/01).

Além do espaço para exposição de opiniões de maneira livre, esta pesquisa buscou saber se os alunos, levando em consideração as aulas que estavam recebendo na graduação, considerariam a possibilidade ingressar na carreira de docente de ensino superior. Para isto, 71,42% dos entrevistados apontaram que sim, considerariam o aperfeiçoamento profissional e o ingresso na área educacional; 23,80% destacaram que não; 2,38% alegaram não saber e 2,38% não responderam.

Com base nas opiniões expostas acima e o expressivo percentual de aceitação ao considerarem a prática docente como profissão, é possível afirmar que os acadêmicos avaliam a prática do professor diante do desempenho dele em sala de aula. Isso pode influenciar diretamente na formação de novos docentes, considerando que os profissionais de hoje servem como espelhos para decisões futuras dos atuais acadêmicos.

## Considerações Finais

Esse estudo, conforme apontado nas linhas introdutórias, teve como objetivo traçar uma análise sobre o ensino do jornalismo em Sinop. A partir dos questionários aplicados e das respostas obtidas, pudemos verificar que o espaço físico da Instituição em questão ainda é a principal preocupação dos acadêmicos ao avaliar o curso. Isto pode ser afirmado devido à clara divisão de posicionamento dos entrevistados quando questionados sobre a qualidade de infraestrutura específica do curso (considerando laboratórios de Rádio/TV): 49,99% votaram entre razoável a ótimo e 47,61% entre ruim e péssimo. Aqui cabe uma reflexão: os acadêmicos, ávidos por atividades que remetam à prática jornalística propriamente dita, estão cientes de que aulas mais práticas farão a diferença para cada um enquanto profissional? Será então que é necessário reavaliar a parte estrutural a partir dessa clara divisão percentual e, talvez, chegar a um consenso sobre se realmente está bom ou se precisa ser melhorado?

Quanto ao conhecimento dos acadêmicos em relação à proposta de ensino do curso de graduação (considerando matrizes e planos de ensino), foi possível perceber que eles sabem que estes documentos existem e que estão em prática, no entanto, não se aprofundaram a ponto de utilizá-los como elemento de referência para avaliar a qualidade do curso que escolheram no período de processo seletivo.

Talvez o item mais interessante de avaliação nesta pesquisa foi o que remete à prática docente. Isto porque, de modo geral, os acadêmicos se mostraram confortáveis ao destacarem que tem bons profissionais e que eles apresentam um bom desempenho em sala de aula. Avaliaram positivamente mesmo considerando não ser importante conhecer o currículo desses profissionais que estão diariamente com eles, ou se eles seguem as propostas de ensino traçadas nas matrizes curriculares e nos planos de ensino, como exposto acima.

Mesmo sendo interessante, aqui recai outra reflexão que talvez possa ser objeto de análise adiante: não houve avaliações negativas aos professores. Será que os profissionais deste quadro docente são muito bons, ou talvez não conhecer aspectos citados anteriormente influenciou nas respostas do acadêmico ao questionário? Em alguns momentos da pesquisa, alguns entrevistados deixaram respostas em branco. Será que estas respostas não influenciariam nos resultados e, conseqüentemente, na reflexão agora proposta?

Durante a pesquisa, os acadêmicos reconheceram que existe o incentivo, por parte dos professores e da coordenação de curso, na realização de atividades de cunho científico, porém, existe também falta de interesse nessas práticas por boa parte dos acadêmicos. Eles reconheceram que a leitura não é um hábito tão comum, o que preocupa essa pesquisadora, considerando que é um curso voltado à comunicação e a leitura é uma ferramenta indispensável neste trabalho; e que poucas vezes seguem sugestões dadas pelos professores. Porém outro aspecto chama atenção: os alunos não têm o hábito da leitura e não seguem as sugestões dos professores, mas, ao mesmo tempo, buscam conteúdos relacionados à profissão fora de horário de aula. A questão é: o que procuram? Essa busca é mais voltada à área acadêmica ou a área prática, propriamente dita?

Diante de tudo o que foi exposto até aqui, voltamos com a última pergunta elaborada aos acadêmicos: [os alunos] considerariam a possibilidade ingressar na carreira de docente de ensino superior? Como mais da metade respondeu que sim, selecionamos, dentre as poucas justificativas que foram dadas além das respostas, as que mais se destacaram: “é uma área importante para incentivar e ensinar o jornalismo correto para melhores profissionais” e “quanto mais se aperfeiçoar, melhor para o indivíduo e para os demais” (Acadêmico da turma 2015/01). Dois pontos para uma futura discussão: o primeiro gira em torno do aperfeiçoamento. Todo profissional deveria buscar o aprimoramento para o desempenho de suas funções, não apenas na docência. Isto é um ponto que deve ser sempre enfatizado tanto dentro quanto fora de sala de aula. O segundo aspecto propõe uma reflexão sobre jornalismo correto. Quem sabe o que é jornalismo correto? Será que da maneira que é feita atualmente é realmente a correta?

Já quanto às respostas negativas, separamos uma justificativa para observação: “Admiro a carreira, mas não tenho paciência para atuar”. Na verdade, a prática docente não está relacionada à paciência. Ela está relacionada ao constante estudo e discussão dos assuntos que envolvem a área. Será mesmo que não “ter paciência” é um elemento a ser considerado como justificativa a não ingressar na área ou, na verdade, é só uma frase para mascarar o receio de errar?

É bem verdade que o estudo feito até aqui motivou novos questionamentos e reflexões acerca das profissões professor e, de certo modo, de jornalista, que não são constantemente debatidas. No entanto, com base em tudo que foi exposto nos itens

anteriores, podemos afirmar que avaliar o ensino superior partindo das opiniões dos próprios acadêmicos mostrou-se uma ferramenta importante para conhecer melhor tanto os próprios estudantes quanto a visão deles em relação ao curso.

É possível afirmar que, nesta pesquisa, a figura do professor mostrou-se ainda como “soberana” na hora em que os acadêmicos precisaram julgar o que é bom, se é eficiente ou não, e que esta mesma figura pode influenciar diretamente na formação de novos docentes.

Concluimos ainda que o curso e qualidade de ensino foram avaliados como bons pelos acadêmicos, porém, não implica em uma verdade absoluta futura, considerando que são análises a partir de opiniões/impressões dos próprios acadêmicos, as quais não necessariamente se repetirão caso estes questionamentos sejam novamente feitos em outros momentos.

## Referências

- BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>
- GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Censo da Educação Superior 2014 - Notas Estatísticas**. Disponível em [http://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/censo\\_superior/documentos/2015/notas\\_sobre\\_o\\_censo\\_da\\_educacao\\_superior\\_2014.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2015/notas_sobre_o_censo_da_educacao_superior_2014.pdf)
- LUCA, T.M. MARTINS, A.L. (ORG.) **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.
- MELO, J.M. **Teoria do jornalismo: identidades brasileiras**. São Paulo: Paulus, 2006.
- RODRIGUES, R. ; SILVA, L. A. . **Sobre o primeiro curso de Comunicação**. Observatório da Imprensa (São Paulo), v. 01, p. 01-02, 2013. Disponível em <[http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/ed767\\_sobre\\_o\\_primeiro\\_curso\\_de\\_comunicacao\\_de\\_mato\\_grosso/](http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/ed767_sobre_o_primeiro_curso_de_comunicacao_de_mato_grosso/)>.
- SAVIANE, D. **A nova lei da educação: trajetória, limites e perspectivas**. 2 ed. Campinas: Autores Associados, 1997.